

Para JOHN PIPER.

É impossível calcular a profundidade de minha dívida com você.
Aprendi muito sobre a verdadeira pregação com a descarga elétrica
que sentia enquanto o ouvia pregar. Muito obrigado.

E para a igreja BETHLEHEM BAPTIST CHURCH.

Considero uma honra indescritível anunciar a Palavra
como pastor do rebanho que amo. Muito obrigado.

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Prefácio</i> , de John Piper.....	11
<i>Uma palavra para pastores atarefados</i>	13

PRIMEIRA PARTE

O QUADRO MAIS AMPLO:

UMA TEOLOGIA BÍBLICA DO MINISTÉRIO DA PALAVRA

1. O <i>quê</i> da pregação.....	19
2. O <i>como</i> da pregação	29
3. A ligação entre estrutura e história	35
4. O papel da palavra no drama das Escrituras	41
5. Mudanças de paradigma com respeito à administração	65

SEGUNDA PARTE

UM LEVANTAMENTO DAS MUDANÇAS

DE PARADIGMA NO MINISTÉRIO DA PALAVRA

6. A administração da aliança da Criação (paradigma 1).....	73
7. A administração da aliança da promessa (paradigma 2)	83
8. A administração da aliança da lei (paradigma 3)	95
9. A administração de Josué, dos juízes e de Samuel (paradigma 4)	109
10. A administração da aliança da monarquia (paradigma 5)	121
11. A administração dos profetas (paradigma 6)	131
12. A administração dos salmistas e dos escribas (paradigma 7).....	153
13. A administração do Filho, primeira parte (paradigma 8).....	169
14. A administração do Filho, segunda parte (paradigma 8, continuação).....	187
15. A administração dos apóstolos (paradigma 9)	199
16. A administração do pastor (paradigma 10).....	213

TERCEIRA PARTE

A PREGAÇÃO EXPOSITIVA HOJE

17. O <i>quê</i> da pregação expositiva hoje	227
18. O <i>como</i> da pregação expositiva hoje	247
19. O <i>porquê</i> da pregação expositiva hoje.....	259

QUARTA PARTE

REVERBERAÇÕES DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA

20. A pregação e as Escrituras	271
21. A pregação e o pecado	275
22. Pregação temática: amiga ou inimiga?	281

QUINTA PARTE

CONCLUSÕES E APLICAÇÕES

23. A administração da Palavra hoje.....	289
Apêndice 1: A motivação por trás do livro	301
Apêndice 2: A singularidade deste livro	305
Apêndice 3: Livros sobre pregação disponíveis hoje	309
<i>Bibliografia</i>	325
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	337
<i>Índice remissivo</i>	359

AGRADECIMENTOS

É simplesmente impossível citar o nome de todas as pessoas que ajudaram a tornar este livro realidade; a lista seria longa demais, e minha memória, limitada demais para isso. Portanto, desejo destacar quatro grupos.

Primeiro, quero agradecer à equipe maravilhosa da Crossway por acreditar neste livro. Meu editor, Thom Notaro, em especial, foi absolutamente extraordinário. Graças aos esforços dele, este livro é melhor. A Deus seja a glória.

Segundo, quero reconhecer a grande influência de John Piper. Certa vez, D. Martyn Lloyd-Jones afirmou que pessoas podem, por meio de aulas de homilética e recursos semelhantes, ajudar um pregador a causar menos distração. Somente Deus, no entanto, pode realmente formar um pregador. Lloyd-Jones também observou que a melhor coisa que um aspirante a pregador pode fazer é encontrar o melhor pregador que puder e passar algum tempo debaixo de seu ministério. Li essas palavras no curso de homilética de John Piper no Bethlehem Institute, e elas me pareceram verdadeiras. Vejo agora que, mesmo sem perceber, segui o conselho de Lloyd-Jones. O pastor John (como vim a chamá-lo) me moldou de inúmeras maneiras. Dediquei este livro a ele como uma forma singela de reconhecer a enorme bênção que ele tem sido para mim, abaixo de Deus. A Deus seja a glória.

Terceiro, também dediquei o livro a meu rebanho na igreja Bethlehem Baptist Church. A afeição que Deus me concedeu pelos membros dessa igreja me maravilhou ao longo do ano que passou. Essa afeição me trouxe à memória uma cena do livro *How the Grinch stole Christmas*,¹ em que o minúsculo coração de Grinch triplica de tamanho e rompe a caixa que o contém. Deus realizou uma obra semelhante em meu coração pelos membros da igreja Bethlehem e uma obra correspondente no coração deles por mim. Meu assistente pastoral ali, David Zuleger, também tem sido uma bênção tremenda no processo de edição deste livro. A Deus seja a glória.

Quarto, depois de Deus, minha família é a maior influência em minha vida. Meu coração está ligado a meus quatro filhos maravilhosos: Gracie, Allie, Jonathan e David. Preciso lhes dar crédito pelo quanto me ajudaram a escrever a presente obra, especialmente ao perguntarem repetidamente: “Papai, você *ainda* não terminou o livro?”. Eles têm sido uma torcida e tanto.

¹Dr. Seuss, *How the Grinch stole Christmas* (New York: Random House Children's Books, 1957) [edição em português: *Como o Grinch roubou o Natal*, 2. ed., tradução de Bruna Beber (São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017)].

Ninguém nesta lista chega aos pés de minha esposa, Cara. Ela foi minha maior incentivadora durante o trabalho neste texto, e fez inúmeras coisas em vários aspectos para que ele se tornasse realidade. Cara, sempre me faltam palavras quando procuro expressar minha gratidão a Deus por você. Que todos saibam que meu coração pertence a você como a ninguém mais. Obrigado por me amar tão profundamente. A Deus seja a glória.

Deus orquestrou soberanamente a influência e a bênção desses quatro grupos. A glória é inteiramente dele. Apenas identifico e celebro aqui sua graça na vida dessas pessoas. Todas as coisas são dele, por ele e para ele. A ele seja a glória para sempre.

PREFÁCIO

Tenho a mesma preocupação de Jason Meyer de que muitos pastores “não tremem mais diante da incumbência de pregar”. Nossa obsessão contemporânea com a informalidade a qualquer custo, não somente no modo de vestir (uma questão secundária), mas na conduta verbal e atitude de alma (uma questão fundamental), obscurece dimensões essenciais da realidade de Deus.

A avaliação feita por David Wells há vinte anos ainda é amplamente verdadeira: “O problema fundamental do mundo evangélico de hoje é que Deus repousa sobre a igreja de modo dispensável demais. Sua verdade está distante demais, sua graça é corriqueira demais, seu julgamento é benevolente demais, seu evangelho é fácil demais, e seu Cristo é comum demais”.¹ E ter a palavra santa de Deus em seus lábios não leva os pregadores a tremerem.

No entanto, Deus está levantando muitas vozes mais jovens com a convicção de que existe uma alternativa maravilhosa radicalmente centrada em Deus, permeada pelo evangelho, para as formas descuidadas, levianas e espirituosas de tratar as coisas divinas. Esse fato se aplica especialmente à pregação. Jason Meyer retoma de modo atual a antiga máxima: “Pregar é um nobre chamado. Não é somente difícil; é impossível para o homem”.

Se o pregador fica atônito ou não com a incumbência de pregar depende, em grande medida, de estar atordoado ou não com o fato de o Deus todo-poderoso ter se pronunciado em um Livro. E com o fato de Deus chamar seres humanos pecadores e falíveis para anunciar com autoridade o que ele disse ali. Deus poderia ter realizado isso sem um livro e sem pregadores. No entanto, escolheu ambos como elementos indispensáveis. Pregadores sábios tremem diante dessa realidade.

Outro motivo pelo qual a tarefa de pregar é impossível e maravilhosa é que o objetivo principal da pregação não é a transferência de informações, mas um encontro com o Deus vivo. O povo de Deus se encontra com Deus na proclamação ungida da mensagem de Deus de uma forma impossível de reproduzir por qualquer outro meio. A pregação no culto não é uma preleção em sala de aula. É o eco de Deus dirigindo-se a nós em sua palavra e a nossa exultação diante disso.

¹David F. Wells, *God in the wasteland: the reality of truth in a world of fading dreams* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 28.

A fidelidade do eco determinará a autenticidade da exultação. É por isso que Jason elabora uma argumentação bíblica convincente a favor da pregação como exposição das Escrituras. Deus falou no Livro. O Livro todo é marcado por especificidade gramatical e histórica. Nenhuma de suas partes é acidental. Nenhuma de suas partes é errônea. A pregação honra esse fato. Curva-se diante da especificidade de sua autoridade. Exulta no poder explosivo dos detalhes. E revela-os na mensagem em medida suficiente para que as pessoas não precisem apenas crer na palavra do pregador: *Veja! Essa realidade gloriosa sobre a qual agora exultamos está, verdadeiramente, aqui.*

Sob essas convicções a respeito da pregação, Jason expõe um sólido alicerce bíblico ao escavar todo o terreno das Escrituras. Não conheço nada semelhante ao que ele fez aqui, ao identificar a administração da palavra de Deus de Gênesis a Apocalipse. É um texto louvável por sua singularidade e por seu retrato fiel do cerne da pregação.

Como muitos leitores sabem, tenho interesse pessoal em Jason Meyer e em sua mensagem. Jason aceitou o chamado de Deus para dar continuidade a meu trabalho de 33 anos de pregação na igreja Bethlehem Baptist Church. Tenho amado e alimentado esse povo durante três décadas. Como é de imaginar, será a alegria suprema em minha vida se a igreja Bethlehem continuar a andar na verdade, nutrida pela exposição fiel da palavra de Deus.

Por isso estou entusiasmado com a mensagem desta obra e com o compromisso teológico e expositivo de Jason Meyer. Além de escrever o livro, ele é um modelo do que escreveu. A mão de Deus está sobre ele para “pregar [...] as riquezas insondáveis de Cristo” (Ef 3.8). E ele é um guia fiel de como fazê-lo.

Jason Meyer não encara a pregação de modo leviano. Por mais paradoxal que pareça, ele e eu nos regozijamos de ter descoberto e experimentado a veracidade da declaração de Deus:

“Este é aquele para quem olharei:
ao humilde e contrito de espírito,
e que treme diante de minha palavra” (Is 66.2).

JOHN PIPER

UMA PALAVRA PARA PASTORES ATAREFADOS

No manuscrito inicial deste livro, eu percorria um longo e sinuoso caminho até a ideia central. Apresentava um extenso prefácio, alguma introspecção e uma breve história da pesquisa sobre a pregação evangélica. Se esses temas são de seu interesse, você encontrará vestígios deles nos apêndices do livro. Dei-me conta, porém, de que preciso ir direto ao ponto. Espero que muitos pastores atarefados estejam lendo este livro. Sei que seu tempo é precioso, que as necessidades são descomuns e que existem incontáveis livros sobre pregação. A grande pergunta, portanto, é: “Por que se dar o trabalho de ler este livro?”.

DE VOLTA À BÍBLIA: DEUS REALMENTE FALOU?

A primeira tentação foi um ataque específico à palavra de Deus. Satanás teve êxito em lançar sementes de dúvida no coração de Eva a respeito do que Deus tinha dito claramente. Nosso adversário antigo odeia a pregação verdadeira e está decidido a confundir os sinais claros das Escrituras relativos a ela. Ele tem bons motivos para se opor à pregação verdadeira. A pregação cheia do Espírito ainda é a maior arma da igreja contra o reino de Satanás. Concordo com Martyn Lloyd-Jones de que “a pregação é o mais nobre chamado e a maior necessidade da igreja e do mundo”.¹ Se ela é tão importante, precisamos ser claros a respeito de sua natureza. Será que Deus revelou o que é a pregação de modo inequívoco nas Escrituras? Em última análise, ninguém mais pode definir o que é a pregação. É ideia de Deus. Ele se pronunciou a esse respeito?

Deus não se calou sobre essa questão. Pronunciou-se de modo claro e com autoridade. Paulo chega a dizer que a pregação é uma incumbência (2Tm 4.1) dada por Deus. Essa incumbência é para “pregar a palavra” (4.2). O que ela significa? Onde encontrar a resposta?

¹D. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), p. 9 [edição em português: *Pregação e pregadores*, tradução de João Bentes Marques (São José dos Campos: Fiel, 2011)]. Lloyd-Jones defende essa asserção de várias maneiras. Um argumento que ele fornece para a importância da pregação é de que um reavivamento da verdadeira pregação foi a marca que definiu todas as reformas e reavivamentos na história da igreja (p. 24-5).

DE VOLTA À BÍBLIA COMO UM TODO

Os evangélicos sabem que a resposta é a Bíblia. Mas que parte dela? Essa é a pergunta fundamental. Temo que a maioria das tentativas de respondê-la tenha sido desnecessariamente seletiva. Alguns estudos se restringem à análise semântica de termos associados a “pregação”. Outros acenam respeitosamente para o Antigo Testamento e, depois, dedicam o restante do tempo a considerar o Novo Testamento. *Este livro é singular no sentido de que, a meu ver, somente a Bíblia como um todo pode dar uma resposta completa para o que é a pregação.* Buscaremos uma resposta holística ao considerarmos a pregação à luz da categoria mais ampla à qual ela pertence: o ministério da palavra.

Neste estudo, é importante enfatizar que não me propus a simplesmente defender um conceito específico de pregação. De acordo com C. H. Spurgeon, o evangelho é como um leão enjaulado: não é preciso defendê-lo, apenas deixá-lo sair da jaula. Da mesma forma, não desejo “defender” a pregação tanto quanto desejo deixar sair da jaula o conceito bíblico de pregação.

VISÃO GERAL: ESCOLHA SUA PRÓPRIA AVENTURA

Os cinco primeiros capítulos deste livro procuram dar uma visão panorâmica daquilo que as Escrituras dizem a respeito do ministério da palavra (i.e., não apenas da pregação). Esses capítulos fornecem a estrutura introdutória essencial para o restante do livro. Sua leitura é fundamental para a compreensão do todo.

O próximo passo dependerá de você. Quando era criança, gostava de ler livros do tipo “escolha sua própria aventura”. Escrevi a presente obra de modo semelhante. Um leitor pode pular dos capítulos introdutórios da primeira parte (caps. 1-5) para a terceira parte (caps. 17-19) sem maiores problemas. Os cinco capítulos iniciais são uma teologia bíblica condensada do ministério da palavra. Formam os conceitos prévios indispensáveis que preparam o leitor para a transição necessária da pregação que encontramos *nas* Escrituras (caps. 1-5) para o contexto de hoje, em que pregamos *com base nas* Escrituras (caps. 17-19).

O que é, então, a segunda parte? Se é possível pulá-la, é verdadeiramente importante? A segunda parte é uma tentativa, dividida em onze capítulos, de sustentar a teologia bíblica condensada da primeira parte. Sei que alguns leitores estão mais que preparados para passar da primeira à terceira parte. Outros, porém, ainda não se sentirão prontos para essa transição. Desejarão examinar os fundamentos bíblicos da primeira parte. A segunda parte procura, portanto, fornecer apoios estruturais para a primeira parte. Apoios estruturais são extremamente importantes, mas nem

todos gostam de examiná-los para avaliar sua solidez. Alguns, porém, darão valor a essa tentativa de lhes garantir que os apoios são robustos.

Certo canal de televisão anuncia que tem filmes para quem gosta de filmes. Outra maneira de descrever a segunda parte é dizer que traz detalhes para os leitores que gostam de detalhes. Esses onze capítulos são a substância de uma teologia bíblica do ministério da palavra. Cada capítulo trata de um paradigma diferente. Esses capítulos podem ser lidos na sequência ou servir de pontos de referência para leitura posterior.

Logo, o leitor que gosta de uma visão mais ampla pode pular da primeira para a terceira parte e prosseguir até o final do livro. O leitor que gosta de verificar os detalhes pode ler o livro do começo ao fim, como é apresentado.

A quarta parte toma diversas reverberações da teologia sistemática (caps. 20-21) e apresenta reflexões sobre o lugar da pregação temática (cap. 22). O último capítulo encerra o estudo com conclusões e aplicações (cap. 23).

PRIMEIRA PARTE

**O QUADRO MAIS AMPLO:
UMA TEOLOGIA BÍBLICA DO
MINISTÉRIO DA PALAVRA**

1

O QUÊ DA PREGAÇÃO

Pois, se prego o evangelho, isso não me dá motivo algum para me gloriar. Porque a necessidade me é imposta. Ai de mim, se não pregar o evangelho! Pois, se o faço de própria vontade, tenho recompensa, mas, se não é de própria vontade, *ainda assim me é confiada essa incumbência de administração.*

1CORÍNTIOS 9.16,17

TRÊS CATEGORIAS

A pergunta central deste livro é: “O que é pregação?”. Para responder a essa pergunta, somos obrigados a tratar de outra mais ampla: “O que é o ministério da palavra?”. O ministério da palavra decorre do fato de que Deus confia sua palavra a seu povo. Seu povo toma essa palavra e a transmite fielmente a outros. O ministério da palavra abrange diversos ministérios dentro da igreja, como aconselhamento e evangelismo individual, e não somente pregação. Este livro trata de questões pertinentes a qualquer ministério baseado na palavra, mas a pregação é o principal ministério que tenho em mira. Três categorias bíblicas amplas resumem de modo mais apropriado o ministério da palavra nas Escrituras: administração, proclamação e encontro. Este capítulo as define e apresenta um breve panorama bíblico.

TESE

Minha tese é de que o ministério da palavra nas Escrituras consiste em *administração e proclamação da palavra de Deus de tal modo que as pessoas se encontrem com Deus por meio de sua palavra*. Observe que essa tese destaca três elementos que, na verdade, são três fases sequenciais do ministério da palavra.

A primeira fase é de administração. Seu foco é a recepção fiel da palavra de Deus. A palavra de Deus é confiada ao administrador. A segunda fase é a proclamação da palavra de Deus. É intenção de Deus que a palavra administrada seja proclamada. O pregador confere voz humana à palavra divina para que outros possam ouvir o que Deus tem a dizer. A terceira fase é o encontro com Deus por meio de sua palavra.

Nessa etapa, a responsabilidade de administrar a palavra passa do pregador para os ouvintes. É um momento de grande importância, pois toda palavra de Deus exige uma reação. Esses três elementos são três fases sequenciais do processo dinâmico de pregação da palavra de Deus: administração, proclamação e encontro.

EXPLICAÇÃO DA TESE: TRÊS MALAS PARA DESFAZER

As três partes da declaração da tese são como três malas tão repletas de significado que estão prestes a rebentar e precisam ser desfeitas, uma de cada vez. Começemos, então, a desfazer essas malas.

PRIMEIRA MALA: A ADMINISTRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

A primeira fase destaca o conteúdo da pregação, a *palavra administrada de Deus*. Nesse aspecto, é difícil aprimorar o resumo incisivo de Paulo em 1Coríntios 4.1,2. De acordo com ele, o administrador é alguém a quem foi confiado algo (i.e., o *quê*) e que, assim, precisa ser encontrado fiel (i.e., o *como*) com respeito ao que lhe foi confiado. “É assim que os outros devem nos considerar: servos de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. Ademais, requer-se dos administradores que sejam encontrados fiéis” (4.1,2).

Mark Dever oferece uma definição sucinta de um administrador: “O administrador é alguém que não é proprietário, mas a quem é confiada a propriedade de outra pessoa”.¹ Em outras palavras, o administrador não é o senhor, mas um servo ao qual foi confiado algo que pertence a seu senhor. John Stott expressou bem a ideia: “Na verdade, se a metáfora [da administração] ensina alguma coisa, é que o pregador não fornece a própria mensagem; ela lhe é fornecida”.² Deus é o Senhor, a palavra é propriedade dele e o pregador é o servo escolhido ao qual ela é confiada.

Essa administração da palavra pode assumir diferentes formas em diferentes épocas (patriarcas, profetas, escribas, entre outros), mas a mesma vocação fundamental liga esses administradores ao longo das páginas das Escrituras.

¹Mark E. Dever, “A real minister: 1 Corinthians 4”, in: Mark Dever et al., *Preaching the cross* (Wheaton: Crossway, 2007), p. 18 [edição em português: *A pregação da cruz: um chamado à pregação expositiva centrada no evangelho como foco do ministério pastoral*, tradução de Soraya Bastos Vieira Bausells (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

²John Stott, *The preacher's portrait: some New Testament word studies* (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), p. 23 [edição em português: *O perfil do pregador*, tradução de Glauber Meyer Pinto Ribeiro (São Paulo: Vida Nova, 2005)]. Stott apresenta um excelente estudo do termo administração/mordomia e termos associados.